



ORGS.

Cléria Botelho da Costa
Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante Ribeiro

FRONTEIRAS MÓVEIS:
TERRITORIALIDADES,
MIGRAÇÕES

Todos os direitos reservados à Fino Traço Editora Ltda.

© Cléria Botêlho da Costa, Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante Ribeiro

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem a autorização da editora.

As ideias contidas neste livro são de responsabilidade de seus organizadores e autores e não expressam necessariamente a posição da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação | Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

F959

Fronteiras móveis : territorialidades, migrações / organização Cléria Botêlho da Costa, Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante Ribeiro. - 1. ed. - Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2016.

316 p. : il. ; 23 cm.

Inclui bibliografia

Sobre os autores

ISBN 978-85-8054-296-7

1. Migração. 2. Migração - Aspectos sociais. 3. Geografia humana. 4. Identidade social.
I. Costa, Cléria Botêlho da. II. Ribeiro, Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante.

16-33441

CDD: 325

CDU: 327

CONSELHO EDITORIAL COLEÇÃO SOCIEDADE E CULTURA

Elisa Pereira Reis | UFRJ

Leopoldo Waizbort | USP

Renan Springer de Freitas | UFMG

Ruben George Oliven | UFRGS

FINO TRAÇO EDITORA LTDA.

Rua Nepomuceno 150 | Casa 3 | Prado | CEP 30411-156

Belo Horizonte. MG. Brasil | Telefone: (31) 3212-9444

finotracoeditora.com.br

Introdução 7

- 1** *Entre o tempo perdido e o tempo recuperado: as expressões da distância no processo de imigração italiana no sul do Brasil* 11
Luís Fernando Beneduzi
- 2** *Fronteiras e deslocamentos temperadas com lágrimas e saudades. Histórias, culturas e tradições (imigrantes portugueses – SP/1900-1950)* 31
Maria Izilda Santos de Matos
- 3** *Imigração e saudades na fronteira de Mato Grosso: o diário de viagem de João Pedro Gardès* 51
Cristiane Thais do Amaral Cerzosimo-Gomes
- 4** *Missão e martírio: os padres alemães chegam em Goiás* 71
Eduardo Gusmão de Quadros
- 5** *Experiências de brasileiros e brasileiras em Lisboa no início do século XXI* 85
Glauco Vaz Feijó
- 6** *Quantos Brasis cabem nos Estados Unidos?: Comunidade, territórios e transnacionalismo entre brasileiros nos Estados Unidos (1985-2010)* 127
Emerson César de Campos
- 7** *Fronteiras étnicas e raciais: a questão do negro em Cuba e a imigração antilhana (1913-1959)* 145
Kátia Couto
- 8** *Demanda e perda no diálogo entre Oriente e Ocidente nas obras da portuguesa Maria Ondina Braga (Nocturno em Macau), do brasileiro Milton Hatoum (Relato de um certo oriente) e do timorense Luís Cardoso (Requiem para o navegador solitário)* 167
Catherine Dumas

1

Entre o tempo perdido e o tempo recuperado: as expressões da distância no processo de imigração italiana no sul do Brasil

Luís Fernando Beneduzi

Em sua obra clássica, “Em busca do tempo perdido”, Marcel Proust trabalha com a relação dicotômica do tempo, por um lado perdido e por outro recuperado; se o tempo é como um animal voraz que tudo devora e consome, ele acaba deixando seus vestígios que permitem a sua recuperação em fragmentos que evocam experiências que se pensava não existirem mais (PROUST, 2002). Por um lado, os processos de deslocamento espaço-temporais produzem a distância, a perda daquilo que era caro e fazia parte da maneira como o indivíduo reconhecia o seu vivido, por outro, no entanto, como afirma Antonio Prete, com relação ao nostálgico, a nova realidade impulsiona a reconhecer no contemporâneo, fragmentos do passado: nas vozes que nos circundam, vislumbramos sonoridades que nos relembram aquelas deixadas para trás (PRETE, 1996).

Essa dinâmica de perda e recuperação, presente sempre nos processos migratórios, adquire um peso ainda mais forte quando se faz referência aos deslocamentos de finais do século XIX. Diferentemente das dinâmicas migratórias contemporâneas, que também vivem um processo de perda e

com a terra de partida, muitas vezes em tempo real (redes sociais, instrumentos de comunicação virtual, meios de transporte mais rápidos e menos caros), a imigração do Oitocentos era marcada, na maioria das vezes, com a efetiva impossibilidade do retorno físico. Ou seja, em viagens de navio demoradas e dispendiosas, a decisão de imigrar – de partir com o objetivo de

fare l'America – era entendida como definitiva. Desde o momento em que se começava a pensar na partida e organizar-se econômica e psicologicamente para ela, tinha-se que ter presente que se estava construindo um processo de passagem irreversível.

No entanto, deve-se esclarecer que o deslocamento – quando se fala das populações do norte da Itália – não é algo incomum, pois historicamente os homens se dirigiam para o norte da Europa em busca de trabalho, em migrações temporárias (BENEDUZI, 2011). O elemento novo que caracteriza a viagem para o além-mar é justamente essa perspectiva do definitivo, portanto de uma perda irrecuperável do cotidiano que fica para trás. Como dizia Luigi Toniazzo em seu diário, referindo-se a sua querida Vallonara¹, “por isso, beijo-te e sei que nos encontraremos no vale de Josafá” (DE BONI, 1976, p. 21).

Nesse sentido, atravessar o oceano era comparado simbolicamente à última travessia, aquela de onde não se retornava, porque este tipo de deslocamento não era entendido como aquele de mobilidade temporária comumente vivido ao interno do continente europeu, mas como uma realidade definitiva. Portanto, deixar a terra de partida significava uma consciência de que todo aquele mundo estava sendo visto pela última vez, que aquelas pessoas não fariam mais parte da realidade cotidiana, que aquela paisagem natural e edificada não entraria mais no campo de visão do imigrante, ao menos enquanto concretude da existência.

Desde a partida, o imigrante levava consigo esta certeza da perda; ele estava entrando na hospedaria *Au Temp Perdu*, citada por Walter Benjamin (1994) como uma estrutura receptiva existente em Grenoble, no século XIX, caracterizada por levar os hóspedes a viver um tempo entrecruzado. Neste entrelugar espaço-temporal, o vivido transformava-se em memória e sofria um processo constante de reelaboração, marcado pela perda e pela recuperação, pela recriação da experiência, enxergada nos fragmentos que o

marcadas por uma espécie de *flashback*, quanto em processos elaborados voluntariamente em instrumentos suscitadores de recordações.

1. Cidade da província de Vicenza, na região do Vêneto, localizada no nordeste da península Itálica.

É ao interno deste quadro de transformação subjetiva vivida pelo imigrante – no caso específico deste artigo, aquele italiano – que se objetiva pensar como é vivida a dimensão da perda no processo de travessia e como

cartas e diários produzidos pelos imigrantes italianos, durante a viagem, e nos primeiros tempos de sua estada no Brasil, em particular no sul do país, entre as décadas de 1870 e 1880, quer-se perceber como é experimentado este progressivo distanciamento da terra de partida e como pouco a pouco ele vai sendo reelaborado no contexto da terra de chegada.

É importante destacar que – mesmo considerando a falta de uma ideia difundida de pertencimento à nação italiana, haja vista que o processo migratório vivido pelos informantes remonta ao final do primeiro/segundo decênio do *Risorgimento* (entorno à década de 1880) – existia um código cultural compartilhado por aquelas populações que os integravam em uma mesma comunidade de origem. A noção de pertencimento atravessava – mais do que a esfera nacional – aquela das microrrelações quotidianas entre parentes e amigos, da identificação com espaços de sociabilidade vividos na cidade de nascimento, da paisagem que havia circundado o imigrante desde seus primeiros anos. Dessa forma, reconstruir uma memória sobre o lugar de proveniência, identificado ou não com a Itália enquanto Estado Nacional, significava reelaborar aquele microcosmo do vivido anterior à partida; era aquele o tempo que se perdia e que se recuperava, ao mesmo tempo, mnemonicamente.

Para compreender melhor as dinâmicas que envolviam este processo específico de reelaboração mnemônica do passado pós-emigratório, na zona de imigração italiana do Rio Grande do Sul, na chamada “Encosta Superior”, é necessário, em um primeiro momento, dar-se conta também das especificidades que marcaram essa experiência em particular. Na realidade, em um contexto diversificado da imigração italiana no Brasil, que muitas vezes sofre uma ação de homogeneização, temos diferentes vivências da ocupação do espaço, com a construção de comunidades, mesmo que de matriz “italiana”, muito diferenciadas. Não se pode pensar na formação de zonas de imigração sem levar em conta as realidades geográficas, sociais, étnicas, culturais que estes egressos da península Itália, já diferentes com relação à proveniência, encontraram.

Diferentemente, por exemplo, do modo como se construiu o fenômeno migratório italiano no estado de São Paulo, seja em âmbito rural, nas fazendas de café, como substituição da mão de obra escrava; seja em âmbito urbano, na cidade de São Paulo, no setor de serviços e nas fábricas, a realidade gaúcha de finais do século XIX foi marcada por uma imigração rural, estruturada a partir da pequena propriedade, em uma zona de difícil acesso aos mercados consumidores, como aquele de Porto Alegre, e, conseqüentemente, com um índice muito baixo de relações interétnicas. Neste contexto espacial, no qual o trem chega somente nos primórdios do século XX, ou seja, aproximadamente uns trinta anos depois da chegada dos primeiros grupos de imigrantes, as comunidades originárias do norte da península Itálica viveram uma dinâmica endógena de formação da comunidade: construção de um *koiné* dialetal vênето-lombardo, utilizando as diferentes expressões do norte da península, entrelaçamento de devoções religiosas e hábitos de sociabilidade, forte endogamia.

Se por um lado, como afirmam Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart (1998), os contatos interétnicos produzem uma ênfase na elaboração de uma consciência de pertencimento a um determinado grupo étnico, ou seja, no contato com o diferente cria-se a identidade do nós; por outro, a perspectiva do forte isolamento vivido pelos imigrantes nas zonas de imigração do Rio Grande do Sul permitiu um processo de construção de uma

grupos étnicos do estado. Nesse sentido, mesmo no conflito entre as matrizes culturais específicas vinculadas às zonas da terra de proveniência, pouco a pouco foi se sedimentando um novo código linguístico, social, simbólico, forjado na interação entre esses diversos indivíduos identificados pelo poder local (civil e religioso) como italianos. Portanto, a ideia de italianidade vai se estruturando em modo muito associado a este tipo de relação que está sendo construída ao interno dos espaços de imigração, ainda que os próprios imigrantes, em suas cartas, se identifiquem com o conceito “italiano”, independentemente do significado identitário que queiram atribuir a ele.

Procurando conhecer brevemente os principais delineamentos dessa ocupação da “Encosta Superior”, no norte do estado do Rio Grande do Sul, deve-se mencionar que os primeiros imigrantes começam a chegar no início dos anos 1870, embora se tenha como data comemorativa o ano de 1875,

com a chegada de três famílias da província de Monza (na época Milão): Crippa, Sperafico e Radaelli. Essa memória é fortemente destacada no álbum comemorativo dos cinquenta anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul (1925), reforçando o primado econômico da cidade de Caxias do Sul, município no qual as famílias se estabeleceram, que no período era conhecida como “a pérola das colônias” (CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD, 1925).

Como se afirmou anteriormente, a reconstrução mnemônica da terra de partida já começa a acontecer desde o momento da viagem, quando a concretude das relações se transforma em memória, acrescentando também a ideia de que os processos de recuperação do passado são fortemente marcados pela experiência do presente, como assevera Koselleck (2006). Dessa maneira, as problemáticas inerentes à viagem já começam a colaborar na construção de novas leituras sobre a terra de partida, assim como as vivências que seguem a chegada vão produzindo pouco a pouco outras, com características muitas vezes diferenciadas.

Com relação à experiência da viagem, é importante recordar que a mesma acontecia, por mais de um mês, desde a partida, em prevalência do porto de Gênova, em dois ambientes: os porões do navio e a parte externa inferior. Em muitos casos, os navios – para terem carga total e aumentarem a rentabilidade – faziam escalas em outros portos (como Nápoles e Barcelona), acrescentando ainda mais o nível de ocupação e de más condições das classes subalternas que se encontravam a bordo. Epidemias, fome, enjoos, mortes, constituíam-se em realidades comuns que atravessavam a experiência migratória e que se transformaram em lugares de memória da travessia.

Luigi Toniazzo, imigrante proveniente de Vallonara, em província de Vicenza, que partiu para o Brasil no ano de 1893, traz, em seu diário de viagem², uma narrativa muito viva das sensações que envolviam o

2. De acordo com as informações fornecidas por Luis De Boni, organizador da publicação do texto de Toniazzo, os escritos são produzidos em dois tempos: primeiro temos uma caderneta de viagem, que ainda existe, depois temos 23 páginas de uma releitura das anotações de viagem que se transformaram em um fascículo; do segundo tempo narrativo, não temos a descrição que segue depois da chegada ao Rio de Janeiro, porque as páginas sucessivas se perderam. Com relação ao momento da escritura da fonte, o organizador não informa uma data ou indica um período de produção, obviamente do fascículo, enquanto a caderneta remete ao período específico da viagem. Por fim, é digno de nota que se teve acesso ao texto traduzido por De Boni e não ao original, em italiano.

deslocamento, sobretudo aquelas vinculadas à situação desventurosa na qual se encontravam:

Embarcaram mais 200 passageiros espanhóis e então comecei a ter medo, pois se tratava de uma coisa séria: não se sabia mais como ficar: estávamos por demais amontoados para caminhar; como se resiste em pé, sem movimentar-se? Não permitiam ir à cama, porque o dia era reservado para a limpeza. Na verdade, todos experimentaram um embarque infame, que jamais aconteceria. Ai de nós se surgisse uma doença contagiosa naquele vapor: poucos haveríamos de desembarcar no porto de destino (TONIAZZO, 1976, p. 16).

Mesmo ansioso por trazer seus familiares e atento para construir uma imagem positiva de sua experiência migratória, também Paolo Rossato³ – natural de Valdagno, província de Vicenza, de onde partiu em 1883 – informava que as condições de viagem não eram boas, na medida em que dava instruções de como os seus pais e parentes deveriam agir para reduzir o grau de periculosidade da travessia:

Em Gênova gastem o menos possível, e na hora do embarque tratem de ficar todos juntos: é que distribuem refeições de oito em oito pessoas. Se possível, não fiquem com aqueles que têm muitas crianças e procurem ser rápidos para receber lugar de dormir no alto. Cada cama tem um número e a gente a recebe para toda a viagem (ROSSATO, 1976, p. 51).

Como uma das preocupações maiores da viagem era o problema da má nutrição, e das doenças vinculadas, tanto pela qualidade quanto pela quantidade de alimentos, Rossato fornece esses conselhos à família: de ficarem juntos e não se colocarem próximos a grupos com crianças. Isso significa poder controlar a distribuição das refeições ao interno do grupo e não sofrer uma redução da mesma, enquanto grupo, por causa da presença de crianças. As dicas do informante revelam a necessidade de cuidados com a viagem, para melhor sobreviver a ela; mesmo tentando minimizar em suas cartas os problemas enfrentados na travessia e na chegada, não se pode deixar de notar sua preocupação com a sobrevivência dos parentes.

3. Teve-se acesso somente à versão em português das cartas de Paolo Rossato, traduzidas de uma escritura que misturava dialeto vênето e língua italiana e publicadas por Luis De Boni.

Os primeiros tempos após a chegada não se mostravam tão róseos e as dificuldades de ocupação do espaço, em uma região “desabitada” era um problema que os imigrantes tinham que enfrentar. A partir de São Sebastião do Caí, cidade na “Encosta Inferior” e porto onde os imigrantes provenientes de Porto Alegre desembarcavam, o percurso até as colônias – de um mínimo de aproximadamente 50 km – era feito através de trilhas, com as bagagens carregadas por mulas. A chegada significava encontrar-se em um ambiente de mata virgem, com pouquíssimos sinais de civilização, o que criava medo e insegurança para populações habituadas a um contexto de pequenos povoados, com distâncias breves por percorrer para os momentos de sociabilidade com os vizinhos.

Sobre a situação encontrada quando do “final” da viagem, no caso específico da região da ex-colônia de “Campos dos Bugres”, hoje Caxias do Sul, Paulo Rossato nos dá algumas indicações importantes sobre a realidade do viver cotidiano. Em suas diversas cartas, o imigrante escreve aos familiares, na tentativa de convencê-los a vir para o Brasil, narrando como ele e sua esposa se encontravam no novo mundo e como as relações de trabalho, de ocupação do espaço e de sociabilidade estavam se estruturando. Buscando construir uma representação positiva daquilo que havia encontrado e de como as coisas se estavam realizando, ele acaba ilustrando as dificuldades inerentes àquela situação de um espaço em construção.

Como afirma Luis De Boni (1976), as leituras apresentadas pelos imigrantes refletiam aquela situação inusitada em que se encontravam, tendo abandonado um mundo de problemas econômicos, em busca de uma nova vida, e, ao mesmo tempo, tendo mergulhado no desconhecido e em uma realidade de difícil fixação. Na verdade, mais do que para o presente – marcado pela privação material, pelos perigos da floresta, pela perda dos hábitos ancestrais –, o imigrante olhava para o futuro, para o projeto que pensava em realizar no novo espaço que estava conquistando. É neste sentido que o autor fala de uma espécie de esquizofrenia narrativa, pois a mesma se constrói em um entrelugar, em um futuro, enquanto projeto a ser construído, mediado pelo hoje, vinculados às dificuldades concretas do processo de ocupação:

Compreender, porém, a alma do imigrante não é fácil. No fundo, ele se encontra em situação um tanto esquizofrênica e estamos sujeitos a

interpretações contraditórias, se não percebermos seus mecanismos psíquicos. O imigrante achava-se em péssima situação no Brasil: havia deixado seu mundo, sofria fome, era desprovido de tudo, encontrava-se isolado fisicamente de seus semelhantes, e estava, mesmo, ameaçado de acobramento. Mas conservava uma grande esperança de ver dias melhores e constatava, em breve espaço de tempo, que seu trabalho era de alguma maneira recompensado e muito mais promissor do que na Itália (DE BONI, 1976, p. 04).

Rossato, em suas cartas, é um exemplo desse olhar que sobrevoa o presente fixando o futuro, ou seja, o projeto de transformação que ele já percebe em ato, embora ainda seja algo em potência. Quando escreve para seu pai, no dia 24 de abril de 1884, em mais uma de suas tentativas de convencer os familiares e amigos a partir, enxerga na floresta presente em sua propriedade, o lote colonial que está pagando ao “Conde Feijó” (este imigrante não se dirige para as terras devolutas do governo), não árvores, mas uma grande quantidade de lenha comerciável ou utilizável pela família:

Caro pai, você deveria ver que bela colônia comprei! Está bem colocada e deve ser boa. E se visse quanta lenha existe nela! Em Valdagno seria rico quem tivesse tanta madeira. Estou ansioso que venham meus irmãos e toda a família. Lá éramos servos e aqui somos senhores (ROSSATO, 1976, p. 35).

O imigrante segue fazendo previsões sobre o quanto poderiam ganhar no trabalho na ferrovia se os parentes estivessem com ele, o quão rápido poderia pagar o preço do lote comprado e o quanto poderiam lucrar com a produção de milho, se estivessem todos juntos no novo mundo. Para além da realidade material vivida, ele está experimentando o seu sonho de *fare l'America*, enxergando não o presente, mas a sua representação de futuro, que é o ponto de força para convencer os seus destinatários.

De qualquer forma, as cartas de Rossato permitem também perceber que nem todos enxergavam a nova realidade de um mesmo modo e que algumas situações específicas do presente imigratório podiam produzir leituras menos positivas e menos voltadas a uma realização do sonho futuro de ascensão social. Dessa forma, mostra a pluralidade de vozes que

emergiam das cartas que os possíveis futuros emigrantes, familiares e amigos daqueles que tinham partido, recebiam. Isso pode ser entendido em uma das justificativas que envia a seu pai, nas trocas de correspondência, explicando opiniões diferentes das suas sobre a nova terra.

É provável que algum parente ou amigo tivesse escrito para os seus na Itália (as notícias provenientes da América corriam rapidamente pelos povoados, onde muitas vezes as cartas eram lidas na praça principal), ou para a própria família de Rossato, isso não se sabe pela correspondência. O que se depreende da sua resposta, é que seus pais estavam relutantes em partir e tinham medo de ser enganados, não encontrando as maravilhas que o filho prometia. Certa Carolina teria escrito, contando uma versão diferente daquela de Rossato, provavelmente muito menos rósea e muito mais marcada pelas dificuldades do presente migratório. Em sua resposta aos pais, em uma missiva enviada no dia 22 de junho de 1884, o imigrante destaca a problemática presente de Carolina como justificativa de seu olhar negativo com relação às novas experiências:

Vocês dizem que estão atentos para não serem enganados. Não ouçam a ninguém, embora a Carolina lhes haja escrito. Mas ela dizia que desejava retornar à Itália porque naquele tempo estava com os filhinhos enfermos. Escrevi a ela. Por isso as cartas que lhes mando escrevo-as de minha consciência, e com a tinta de meu sangue (ROSSATO, 1976, p. 53)

Neste fragmento podem ser vislumbradas duas experiências presentes diferentes que trazem consigo duas leituras contrárias do processo imigratório. Em uma situação de problemas familiares, aquela realidade dura do afastamento, da floresta, da falta das pessoas queridas, torna-se insuportável e o imigrante lança seu olhar nostálgico para o passado, para a comunidade que deixou, muito provavelmente a mesma de Rossato, Valdagno. Em modo oposto, o presente industrioso do escritor das missivas, desmatamento da floresta, trabalho na ferrovia, começo do plantio de milho, produz um impulso para o futuro, no qual ele já começa, imageticamente, a experimentar, na realidade presente, o que está projetando para o porvir. Enquanto para Carolina a terra de partida se transforma em um espaço encantado para onde gostaria de retornar e de onde nunca queria ter saído, para Paolo ela

continua a ser o espaço do sofrimento e da humilhação (é muito comum a recordação nas cartas de que os amigos eram de fato inimigos). De qualquer forma, mesmo nas entrelinhas de seu discurso, o imigrante de Valdagno mostra que – nas relações e edificações presentes – busca a Itália, ou aquilo que ela para Rossato representa.

Ainda buscando compreender melhor a análise das representações da nostalgia nos escritos de Paolo Rossato e Luigi Toniazzo, é relevante pensar nas motivações que os impeliram a registrarem suas experiências e percepções no processo migratório. Enquanto Rossato tinha interlocutores bem definidos – de seus pais e irmão até a comunidade de Valdagno, porque em muitas cartas pedia aos parentes que informassem vizinho e amigos – Toniazzo escreve a um público indefinido, porém pensado pelo narrador, considerando que em diferentes momentos faz referência a um hipotético leitor, mesmo que este seja parte de seu círculo de amizades: “Tu, leitor, que me conheces, sabes que amo o belo” (TONIAZZO, 1976, p. 22).

Outro elemento importante para o processo analítico é a tipologia de

Vallonara. No primeiro tipo – mesmo que se saiba que todo texto se constitui em uma memória futura – tem-se um objetivo específico e imediato, como se havia enunciado antes: convencer parentes, amigos e vizinho a deixarem tudo e emigrarem para o Brasil, para tal fim, relatando as melhorias de vida experienciadas no processo de expatriação. Diferentemente, o segundo tipo é expressão de um desejo de deixar para a posteridade as experiências vividas no processo migratório, destacando a dificuldade do abandono da terra-mãe, ressaltando a representação de um exílio, uma obrigação em virtude da situação trágica que se vivia em seu seio.

e Toniazzo para manter na comunidade o vínculo de filiação com a terra de partida. No caso de Luigi, trabalha-se não com a caderneta de viagem, na qual depositou suas impressões ao longo da travessia, mas com o texto que com ela foi produzido, no qual o autor relê sua experiência de expatriação. Quando da escritura das memórias, embora não se saiba a data exata, é muito provável que Luigi Toniazzo exercesse a função de Correspondente

Consular da Itália, encargo que possuía desde 1893, além de seu trabalho como alfaiate. (CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD, 1925, p. 151). Portanto, seu objeto principal é ressaltar a viva presença da Itália na memória da partida, nos amigos que ficaram, nas imagens que permanecem indeléveis na mente daqueles oriundos que se fixaram no Brasil (em seu caso na ex-colônia de Conde d'Eu, sucessivamente Garibaldi).

Por fim, antes de começar a análise dos textos, destaca-se que enquanto o imigrante de Vallonara fala da perda, ou seja, do mundo que estava ficando para trás do outro lado do oceano, aquele de Valdagno fala de um tempo recuperado, daquela nova-velha Itália que estava sendo construída em outro espaço-tempo. O primeiro falava de um tempo perdido, de uma mudança

entendida enquanto término de uma dada experiência. Pelo contrário, o segundo fala de uma nova Itália que estava emergindo do lado americano do oceano, na qual os elementos de sociabilidade tão caros eram mantidos e aqueles socioeconômicos eram melhorados: não falava da velha Itália, mas daquela melhorada no novo mundo.

Pode-se começar a leitura por Toniazzo e sua narrativa sobre as coisas que ficavam para trás, sobre aquilo que não se veria mais, sobre a morte da experiência passada, no inexorável fluxo do tempo. A frase que abre o relato mnemônico de “Minha viagem à América” é por si só muito emblemática sobre o tipo de imagens que o leitor encontrará no texto. Dor, abandono e pátria, associados ao sofrimento redentor, são palavras-chave para compreender o sentido que Toniazzo quer dar à sua experiência de expatiação:

Foi precisamente na sexta-feira santa do ano de 1893, ao meio dia em ponto: deixava meu vilarejo natal e sentia o coração confranger-se de dor ao abandonar minha pátria. Semelhante deve ser o sentimento de um inocente condenado à morte (TONIAZZO, 1976, p. 11).

É forte a referência sacra presente em dois momentos do fragmento: a primeira em maneira direta, vinculada ao dia da morte de Cristo, e a segunda que relembra o trecho bíblico de Isaías, que faz referência à salvação, “como um cordeiro foi levado ao matadouro”. Denota-se a ideia de um mal

necessário – tem-se que lembrar que o trecho é a revisitação do diário de viagem de Toniazzo, que já se encontra faz algum tempo na terra de chegada – porque para chegar à salvação, à terra prometida, como referido em outros escritos de imigrantes, é necessária a passagem, como a morte para o Cristo significou a redenção. A dor é muito grande – poder-se-ia dizer, nesta visão retrospectiva, foi muito grande – mas se justifica (ou foi justificada) pela redenção que permite/permitiu.

Mais adiante, em seu relato, o emigrante de Vallonara confirma esta perspectiva de uma partida obrigada para a transformação de sua situação econômica. Neste contexto, a expatriação é um sacrifício necessário para a produção da ascensão social, e morrer longe da pátria é o preço que deve ser pago para recuperar a esperança e o sonho:

Adeus Itália! Nasci e cresci em teu seio, e deverei morrer no novo mundo, para o qual agora me dirijo. Mas lá espero, pelo menos, com o meu trabalho, melhorar minhas condições, pois em ti tudo se acabou e não há nada mais a esperar (TONIAZZO, 1976, p. 12).

Uma imagem de impossibilidade de permanecer atravessa todo o texto, uma contradição entre partir por vontade própria e por coação é a marca da narrativa, um misto entre abandonar a pátria e por ela ser abandonado:

Disse comigo: ‘Adeus, Itália, agora passo os teus confins. Em ti nasci e tu me conduziste até mais da metade de minha vida, mas agora, não por minha vontade, porém coagido pela miséria que se encerra em teu seio, devo abandonar-te para jamais te ver ou gozar de tua alegria (TONIAZZO, 1976, p. 15)

A própria viagem – desde o pequeno vilarejo até o porto de Gênova – transforma-se em um espaço de ampliação da sensação de perda: em parte porque vai se deixando aquele mundo conhecido, em parte porque as outras imagens que refletem a terra de partida, desconhecidas até então ao viajante, vão construindo novos espaços de perda. Durante o trajeto de trem, Toniazzo maravilha-se sempre mais com a paisagem que vai conhecendo e – ao mesmo tempo – vive um maior entristecimento, pois sabe que esta é a primeira e última vez que verá aquelas imagens:

As coisas tornavam-se sempre mais lindas e eu, pensando em meu triste destino, chorei, não valendo o conforto de minha boa companhia, pois o pranto corria pelo rosto, embora eu não quisesse (TONIAZZO, 1976, p. 12).

na Bahia, o imigrante reflete sobre sua condição de exilado-fugitivo, voltando seu olhar para a partida necessária e para o contexto de relações que deixou para trás. Percebe-se um contínuo reafirmar-se da ideia de que não havia outra coisa a ser feita e que a emigração era de fato compulsória, se recuperava a compreensão de que todos o haviam abandonado, como se fosse um doente contagioso do qual ninguém queria se aproximar.

Neste ponto, denota-se um desabafo repleto de sentimentos contraditórios, entre alegrias que não se podia sentir e tristezas que não deveriam existir. Se em um primeiro momento o emigrante se autorrepreende por estar alegre nessa situação de morte, mais adiante se questiona pelo fato de se sentir triste, considerando a situação que vivia em seu vilarejo natal.

e do renascimento da esperança de uma vida melhor, não é considerada justa por Toniazzo, que pensa dever chorar a perda de tudo aquilo que viveu em mais de 30 anos de vida. Ao mesmo tempo, as situações trágicas que envolveram seus últimos anos parecem reforçar seu sentimento de dever cumprido, de ter tomado a decisão correta:

Ja depois repousar e, pensando em tantas coisas, sentia-me afogado em pranto e chorei por mais de uma noite, porque me encontrava alegre e não achava justo, mas sabia que era verdadeira aquela imensa distância, e recordava que nos últimos meses de minha permanência fui abandonado por muitos amigos, e não fui nada respeitado, devido à minha falta de recursos. Por isso, parecia-me, que de algum modo, fui expulso daquele vilarejo que tanto amei e a quem não fiz nenhum mal, mas somente o bem, servindo a muitos (TONIAZZO, 1976, p. 20)

Como mencionado anteriormente, a partir da percepção de Luis De Boni (1976), a experiência migratória é marcada por sentimentos contraditórios e por uma espécie de esquizofrenia. Ao mesmo tempo em que o

imigrante se repreende por estar alegre quando deveria estar sofrendo a perda e a distância, ele também se questiona, considerando os problemas vividos antes da partida, o porquê de uma tristeza tão grande:

Pobre Vallonara, pensando bem como vais, deveria sentir-me pouco triste por haver-te abandonado, mas, batendo no peito desgraçadamente um coração sensível, não posso esquecer-te (TONIAZZO, 1976, p. 21).

A questão que fica por ser analisada na fala do imigrante vicentino está vinculada ao objeto principal da dinâmica de perda, aquele que move no “exilado” (um dos modos como o informante se identifica) os sentimentos

cita inúmeras vezes o seu lugar de nascimento – Vallonara – que para ele, e de acordo com o seu modo de enunciá-lo, não é apenas um espaço, mas se constitui em um sujeito vivo, ativo e passivo. Este modo de se relacionar – de vivificar esse espaço geográfico enquanto de memória e identidade – é muito característico da cultura da península itálica, em sua relação com os seus vilarejos (*paese*). O *paese* – no caso específico Vallonara – não é apenas um acumulado de edificações, um território delimitado ou uma subunidade administrativa, ele se configura como um espaço vivo de relações, no qual se entrecruzam símbolos, mitos, sociabilidades, sentimentos e vínculos:

Da vocabolario a canzone si possono allineare luoghi fisici che si connettono al paese: la piazza, il campanile, la chiesa, ma anche luoghi dello spirito come la «comunità», gli amici, la memoria, la lontananza, la nostalgia, e aggettivi particolarmente congeniali al vocabolo paese, come *mio* e altri possessivi, e *natio*, o sostantivi a esso correlabili come vino, formaggio, dialetto, cuore, partenza e ritorno che fanno parte di un corredo semantico, tra stereotipie e immagini profonde della vita (CLEMENTE, 1997, p. 08).

de *paese*, unidade identitária fundamental das comunidades peninsulares, e que no discurso de Toniazzo é representado pelo nome de seu vilarejo, Vallonara, percebe-se que a dimensão nostálgica está fundada na perda da fruição daqueles espaços que não são apenas físicos, mas também mnemônicos, que produzem o retorno a outros momentos da vida, a lembranças

íntimas de tempos felizes, a relações familiares e de compadrio. O tempo perdido para o imigrante, o espaço da morte e da nostalgia está vinculado a essas vozes, imagens, sensações que entende terem ficado aprisionadas em um espaço-tempo por ele abandonado, aquele do seu *paese* que permaneceu do outro lado do oceano, desde o momento em que ele decidiu iniciar a sua viagem ao novo mundo.

Estabelecidos os elementos que norteavam o sofrimento vivido na experiência migratória, aqueles vinculados à ideia de um tempo perdido, pode-se pensar no antídoto: na produção de representações, entendidas como presença de uma ausência, que permitem recuperar mnemonicamente aquele tempo que se pensava não mais acessível. Nesse sentido, as cartas de Paolo Rossato, quando ele tenta convencer seus familiares a partir para o Brasil, são muito emblemáticas. Procurando mostrar uma visão positiva daquilo que seus pais e irmãos iriam encontrar em “Campo dos Bugres”, ele fala de um processo de italianização da região, de construção de uma espécie de *little Italy*, que permitiria aos seus não sentir falta daquela pátria deixada para trás.

Na carta enviada aos pais, datada do dia 12 de fevereiro de 1884, Rossato fala na nova conformação humana da região, do objetivo explícito de reconstruir a velha pátria e de uma semelhança já constituída com um pequeno vilarejo italiano, embora com uma pequena diferença no tipo de edificação:

No Campo [Campo dos Bugres], há 7 anos, não se encontrava ninguém além dos índios, homens selvagens que fugiram. Agora há 1.400 habitantes entre italianos e tiroleses, e pensa-se mesmo em formar uma nova Itália. Construíram um povoado assim como Cornedo, mas com as casas de madeira, porque não encontraram cal (ROSSATO, 1976, p. 32).

Se a nostalgia estava vinculada ao *paese* e ao mundo sociocultural que a ele se associava, a carta do imigrante de Valdagno busca estimular a vinda dos seus dizendo justamente que encontrarão aquela realidade também no novo mundo. A perda dos pontos de referência, de uma velha cartografia dos espaços de reconhecimento da existência, não era um problema que deveria ser considerado, porque o novo espaço estava se tornando pouco a pouco familiar, em população e edificações.

Esta questão é retomada em uma nova carta, do dia 07 de maio de 1884, endereçada ao pai. Na nova missiva, o imigrante oferece mais detalhes do povoado que está sendo construído na região serrana da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul e acrescenta outro elemento importante, de matriz identitária: a questão linguística:

À medida que chegavam os italianos, eles [os índios] foram fugindo para o mato, longe de nós, e formou-se aqui um povoado como Valdagno. Dizia-lhes em outra carta que era como Cornedo, mas é muito maior, possui trinta vendas com toda espécie de artigos que possam pedir. Como em Valdagno, e mesmo mais, há médicos italianos, e também um brasileiro e mais um outro. Há também escolas italianas e não creiam vir para a América para trocar posições, ares e língua, porque a língua aqui é a italiana e somos todos italianos: perto de 1.400 habitantes (ROSSATO, 1976, p. 40)

Considerando a afirmação de Prete (1996), enunciada ao início do presente artigo, sobre o vínculo entre o sentimento de nostalgia e as dinâmicas de memória, Paolo Rossato oferece aos seus alguns elementos que, no seu entendimento, podem funcionar como suscitadores de memória e antídotos à perda. Se um dos sintomas da nostalgia, já analisados em finais do século XVII, na Suíça, estava vinculado ao reconhecimento das vozes familiares nos falares do lugar estrangeiro onde o doente se encontrava (BENEDUZI, 2011), e esta era uma experiência que o tranquilizava, a presença de pequenos fragmentos da terra de partida – língua, população, médicos, escolas e edificações, tudo rigorosamente italiano – funcionam como uma moeda de garantia de que não se sentiria falta daquele mundo que ficaria para trás.

Mesmo no que se relaciona aos costumes, às festas populares, Rossato garante aos seus que não encontrarão diferenças entre a realidade da terra de partida e daquela de chegada, porque também são comemoradas na comunidade. A palavra “Itália” e o uso desta como unidade de medida são constantes: a ideia de que no novo mundo fazem tudo como o faziam no *paese* de nascimento (e melhor) atravessa todas as suas narrativas:

“O carnaval é comemorado no mesmo tempo que na Itália, e todas as festas da Itália são festas também aqui (ROSSATO, 1976, p. 32)”.

No dia 14 de junho de 1885, escrevendo ao um irmão que ainda permanecia na Itália (os pais e os outros irmãos já tinham chegado ao Brasil), Rossato traz à luz duas questões importantes que envolvem o medo da perda. Por um lado, fala do confronto com o desconhecido, com a mata virgem e repleta de animais, em contraposição à realidade *paesana* vivida na Itália e que gera insegurança e receio no imigrante, antes e nos primeiros contatos com a terra de chegada. Por outro, relativiza a dimensão da perda, no sentido que associa as dinâmicas de estranhamento não somente ao deslocamento transoceânico, mas à toda experiência *extra-paese*.

Com relação à primeira situação, respondendo a questionamentos de seu irmão, em virtude provavelmente de cartas enviadas por outros imigrantes, que partiram convencidos por Rossato, informava que o choque inicial, vivido no momento da chegada, já havia passado:

No dia 04 de junho recebi sua carta, sabendo por ela que todos nossos parentes e amigos que vieram para cá queixavam-se de mim, dizendo que foram traídos. Há meses que se queixavam pois tendo partido da Itália e aqui chegados, pareciam desvairados [...]. Mas agora que viram como se encontram outros colonos mais antigos que têm trigo, milho, vinho e tudo o mais, estão contente e compraram colônia perto de mim. A mata não lhes causa mais medo e estão satisfeitos (ROSSATO, 1976, p. 68)

pela sua visão de futuro, daquilo que no novo mundo seria construído – os imigrantes partiram pensando de encontrar efetivamente, no presente, a terra que deixavam para trás, ou melhor, uma versão melhorada do mundo que abandonavam. Diferentemente, encontraram uma versão em potência daquilo que o imigrante havia contado, não haviam encontrado aquela Itália imaginada que pensavam estaria presente do outro lado do oceano.

No entanto, e esta é a segunda observação de Rossato, este estranhamento não é algo inusitado, porque também ao interno da península, em casos de deslocamentos muito menos distantes, o problema do mal-estar do novo, do diferente, da perda, também se apresentava:

Mas não é de admirar-se com o que aconteceu, porque também nós na Itália, quando trocávamos de vila, nos sentíamos mal. Porque então não deveriam de escrever assim, ignorantes e estultos como são, ao se acharem tão distantes? (ROSSATO, 1976, p. 68)

A trajetória de expatriação e instalação no novo mundo, narrada pelos imigrantes em suas cartas e diários, permite um acesso privilegiado às dinâmicas mnemônicas e às representações construídas acerca da experiência migratória. No que tange à dimensão da perda, os escritos são catalisadores de uma profusão de sentimentos que acomunam a vivência do início da viagem e da crescente distância que separa as terras de partida e chegada. Todavia, os suscitadores de memória, fragmentos do mundo que ficou para trás, concedem um alívio às sucessivas perdas a partir da reconstrução de um espaço imaginado e imaginário que abre o acesso à ideia de um tempo recuperado.

Na medida em que Luigi Toniazzo oferece uma panorâmica sobre as sensações contraditórias que envolvem a partida, onde tristeza e alegria se amalgamam, onde se vive com grande intensidade o processo de perda das experiências passadas em um retorno que parece impossível, Paolo Rossato, já em terra estrangeira, apresenta uma visão diversa, mostrando um espaço-

no além-mar. Dessa forma, se o tempo tudo consome, e o presente torna-se passado e desaparece, ao mesmo tempo, os fragmentos mnemônicos que permanecem podem permitir a sua recuperação em novas realidades, em uma combinação de sons, edificações, aromas, gostos, sensações, que criam a imagem de um passado que se torna mais uma vez presente.

Referências bibliográficas

BENEDUZI, Luis Fernando. *Os Fios da Nostalgia. Perdas e ruínas na construção de um Vêneto imaginário*. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CLEMENTE, Pietro. Paese/Paesi. In: ISNENGHI, Mario (org.). *I luoghi della memoria. Strutture ed eventi dell'Italia Unita*. Roma: Laterza, 1997.

CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD. *La cooperazione degli italiani al progresso civile ed economico del Rio Grande del Sud*. Porto Alegre: Barcellos, Bertaso e Cia/Livraria do Globo, 1925.

DE BONI, Luis A (Editor). *La Mérica. Escritos dos primeiros imigrantes italianos*. Caxias do Sul: UCS, 1976.

KOSELLECK, R. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio/Contratempo, 2006.

Seguido de Grupos Étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.

PRETE, Antonio. *Nostalgia: storia di un sentimento*. Milano: Raffaello Cortina, 1996.

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

ROSSATO, Paolo. Cartas. In: DE BONI, Luis A (Editor). *La Mérica. Escritos dos primeiros imigrantes italianos*. Caxias do Sul: UCS, 1976, p. 27-72.

TONIAZZO, Luigi. Minha viagem à América. In: DE BONI, Luis A (Editor). *La Mérica. Escritos dos primeiros imigrantes italianos*. Caxias do Sul: UCS, 1976, p. 11-26.